



ORIGINAL / ARTICLE ORIGINAL / ORIGINALE

Domestic violence against children: an analysis from the perspective of parents

Violência doméstica contra a criança: uma análise sob a ótica dos pais
 La violencia doméstica contra los niños: un análisis desde la perspectiva de los padres

Cristina Gomes Siqueira¹, IzisYaponira Dutra Vieira², Silvana da Rocha Santiago³

ABSTRACT

Objective: To examine how parents of students from a school in the south of Teresina see domestic violence against children; discuss how parents of students deal with the inappropriate behavior of their children and to describe how parents feel the school before the inappropriate behavior the children and the need to correct them. **Method:** A qualitative descriptive, whose subjects were parents of children 0até 12 years of age. The data were collected through semi-structured interviews. **Results:** found that violence against children in the parents' views is something negative, a practice totally rejected, although some still make use of it to punish children in bad behavior. At the same time we realize that there is a breakthrough in the thinking of some, they believe that there should be no punishment through violence, but with education. **Conclusion:** shows the importance of this work not only in the sense of seeking prevention mechanisms, but to be active and purposeful, in the promotion and practice of non-violence through education, dialogue and cooperation. **Keywords:** Domestic Violence. Child. Family.

RESUMO

Objetivo: analisar como os pais de escolares de uma escola na zona sul de Teresina veem a violência doméstica contra criança; discutir como os pais de escolares lidam com o comportamento inadequado de seus filhos; descrever como os pais de escolares se sentem diante do comportamento inadequado dos filhos e da necessidade de os corrigirem. **Método:** Estudo qualitativo descritivo, cujos sujeitos foram pais de crianças de 0até 12 anos de idade. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevista semi-estruturada. **Resultados:** constatamos que a violência contra crianças na visão dos pais é algo negativo, uma prática totalmente reprovada, embora alguns ainda façam uso dela para punir os filhos em situações de mau comportamento. Ao mesmo tempo percebemos que há um avanço no pensamento de alguns, pois acreditam que não deve haver punição através da violência, mas sim com educação. **Conclusão:** observa-se a importância desse trabalho não só no sentido de buscar mecanismos de prevenção, mas ser ativo e propositivo, na promoção e prática da não-violência por meio da educação, diálogo e cooperação.

Descritores: Violência Doméstica. Criança. Família.

RESUMEN

Objetivo: Analizar cómo los padres de estudiantes de una escuela en el sur de Teresina ver la violencia doméstica contra los niños; discutir cómo los padres de los estudiantes a lidiar con el comportamiento inadecuado de sus hijos y para describir cómo los padres se sienten a la escuela antes de que el comportamiento inapropiado los niños y la necesidad de corregirlos. **Método:** A qualitativo descriptivo, cuyos sujetos fueron padres de niños 0até 12 años de edad. Los datos fueron recolectados a través de entrevistas semi-estructuradas. **Resultados:** encontraron que la violencia contra los niños en la opinión de los padres es algo negativo, una práctica totalmente rechazada, aunque algunos todavía hacen uso de ella para castigar a los niños con mal comportamiento. Al mismo tiempo nos damos cuenta de que hay un gran avance en el pensamiento de algunos, que creen que no debe haber ningún castigo a través de la violencia, sino con la educación. **Conclusión:** se muestra la importancia de este trabajo no sólo en el sentido de buscar mecanismos de prevención, pero para ser activa y decidida, en la promoción y la práctica de la no violencia a través de la educación, el diálogo y la cooperación.

Palabras clave: Violencia Doméstica. Niño. Familia.

¹ Acadêmica de Enfermagem da Faculdade Santo Agostinho - FSA. Teresina, Piauí, Brasil.

² Acadêmicas de Enfermagem da Faculdade Santo Agostinho - FSA. Teresina, Piauí, Brasil.

³ Enfermeira Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Teresina, Piauí, Brasil.

INTRODUÇÃO

Na atualidade a violência é um tema amplamente discutido e abordado entre a diversidade de segmentos da sociedade moderna na qual, de forma abrangente, estão envolvidos os aspectos sociais, culturais, as diferenças de raças e sexo, as hegemonias e suas minorias, sendo possível observar no cotidiano a individualidade das relações pessoais e do contexto a qual estão inseridas¹.

Neste sentido a violência é uma questão que circunda a condição humana. Sua visibilidade tanto pode ser correlacionada às formas através das quais se manifesta quanto à capacidade que a sociedade pode ter para percebê-la. Nesta realidade se observa uma forma de violência que muitas vezes é oculta dentro dos lares, trata-se da violência contra a criança².

Define-se como violência doméstica contra a criança o ato ou a omissão praticado pelos próprios pais, parentes e/ou responsáveis contracrianças, no que implica em transgressão do poder -dever de proteção do adulto e em relevância da infância, isto é, em uma negação do direito que as mesmas têm de serem tratadas como pessoas em condição peculiar de desenvolvimento².

Sendo assim, para estudar e compreender o que ocorre no ambiente familiar se faz de total importância tomar partida em uma definição das perspectivas em relação ao foco do tema Família. Certamente há uma focalização particular nas crianças, haja vista que estas devem receber a assistência e proteção necessárias para seu desenvolvimento pleno, o que significa que a família acaba por ser considerada como o primeiro ambiente socializador, tomando responsabilidade pelo cuidado e sobrevivência da geração mais nova³.

A violência doméstica contra crianças, além de constituir e apresentar-se em uma realidade dolorosa, em prol das revelações de maus-tratos perpetrados no mundo intrafamiliar, promove prejuízos a curto, médio e longo prazos, estes podendo ser tanto de ordem física como psicossocial, de caráter devastador, referindo-se ao fato de que as experiências vividas na infância refletem na vida adulta. Assim, por razões lógicas e verídicas, exige intervenção de uma equipe multiprofissional e interdisciplinar, na qual os procedimentos possibilitem um atendimento integral⁴.

Logo os profissionais acabam diante de um desafio na busca de tentar evitar as formas traumáticas de intervenção sem resvalar na negligência com que o tema da violência contra crianças por muitas vezes é tratado. A interferência na dinâmica familiar, que é fundamental na assistência aos casos de violência doméstica, nem sempre é bem aceita pela família⁵.

A importância do estudo está em buscar e analisar informações, e assim proporcionar uma compreensão das experiências dos pais sobre como lidam com a necessidade de punição imposta no âmbito doméstico às crianças. Alicerçado às discussões dos resultados obtidos poderá haver uma contribuição, sobre quais são os principais impasses existentes e que merecem mais atenção em vista do cuidado à criança no combate a violência doméstica.

Diante do exposto surge como questões norteadoras do estudo: Como os pais veem a violência doméstica contra as crianças? Como os pais lidam com o comportamento inadequado de seus filhos em seu dia a dia? Como se sentem os pais diante do comportamento inadequado de seus filhos? E como objeto de estudo: a violência doméstica contra crianças na ótica dos pais.

Dessa forma, foram propostos os seguintes objetivos: Analisar como os pais de escolares veem a violência doméstica contra criança; Discutir como os pais de escolares lidam com o comportamento inadequado de seus filhos e; Descrever como os pais de escolares se sentem diante do comportamento inadequado dos filhos e da necessidade de os corrigirem.

METODOLOGIA

Estudo de natureza qualitativa descritiva. Na pesquisa qualitativa utilizam-se métodos e técnicas para compreender e analisar detalhadamente o objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou sua estruturação, levando em consideração estudos sobre a literatura pertinente ao tema, entrevistas e análise de dados, aplicação de questionários, estudos de casos e devem ser expostos de forma descritivo¹³.

A pesquisa descritiva visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas de coleta de dados: questionário e observação sistemática assumem, em geral, a forma de levantamento¹⁰.

Esta pesquisa foi realizada em uma escola da zona sul de Teresina, que funciona do 1º ao 5º ano e com de 253 alunos no turno da manhã e 227 alunos no turno da tarde, totalizando 480 alunos. A escolha se deu em vista desta apresentar possibilidades para realização do estudo pretendido, considerando que esta escola já é cenário de atuação de acadêmicos de enfermagem através de projeto de extensão ali realizados, e também por conta da acessibilidade dos pesquisadores devido a proximidade desta escola com a instituição.

Participaram deste estudo treze pais de escolares da referente escola tomada como cenário de estudo. Foram incluídos todos os pais que aceitaram participar da pesquisa e que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Vale ressaltar ainda que mesmo após o aceite o entrevistado poderia desistir da pesquisa, a seu critério, em qualquer etapa da mesma.

O estudo utilizou técnica instrumentada de coleta de dados a realização de uma entrevista. Através desta se podem obter dados de naturezas distintas: dados objetivos, referentes a fontes, diretamente ao sujeito entrevistado, como, suas atitudes, valores e opiniões¹⁴. A premissa básica da entrevista, portanto, não é de um simples trabalho de coleta de dados, mas uma situação de interação entre entrevistador e entrevistado que pode ser afetada pela natureza das relações.

O registro das entrevistas foi feito por anotações escritas, de modo concomitante ou em momento posterior, e por meio de gravações em fitas de áudio e depois foram transcritas. A escolha dependeu da duração da entrevista, do número de pessoas a serem

Foi utilizado como instrumento de pesquisa um roteiro de entrevista semi-estruturado, que combina perguntas abertas e fechadas na qual o entrevistado teve a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto, sem respostas ou condições prefixadas pelo pesquisador.

Após a produção dos dados utilizamos a análise de conteúdo que é uma das maneiras de analisar os dados textuais. Na análise qualitativa, os dados são preservados na íntegra, na forma textual e indexados com o objetivo de desenvolver categorias analíticas, explicações teóricas e conclusões¹⁴. A análise de conteúdo é o método mais comumente aplicado para representar o tratamento dos dados de pesquisa qualitativa.

Assim, essa análise relaciona estruturas semânticas (significantes) com estruturas sociológicas (significados), com articulação de variáveis psicossociais dentro de um contexto cultural¹⁴. Os conceitos mais importantes dentro de uma teoria são as categorias. A autora distingue categorias analíticas e categorias empíricas. As categorias analíticas são aquelas que retêm as relações sociais fundamentais e podem ser consideradas balizas para o conhecimento do objeto nos seus aspectos gerais.

Considerando as exigências formais contidas na Resolução 196/96 da Comissão de ética em Pesquisa do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde¹⁵, o projeto de pesquisa foi submetido à autorização da direção local em estudo e após parecer favorável foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Piauí - UFPI. Somente após receber o parecer de aprovado sob o nº0504.0045.000-00 é que a coleta de dados foi iniciada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 13 entrevistados, 10 são mães e 3 são pais. Constatou-se também que são geralmente as mães que estão mais presentes na vida escolar dos filhos e por ser a figura da mulher está mais ligada ao cuidado, por um questão cultura, somente conseguimos entrevistar em sua maioria as mulheres.

Em relação a faixa etária dos pais, sete tem entre 15 e 30 anos e 6 entre 31 e 50 anos, quanto a quantidade de filhos, dos 13 pais entrevistados, oito tem de 1 a 2 filhos, 4 tem de 3 a 4 filhos e apenas um pai tem de 5 a mais filhos. No que se refere à renda familiar, os treze pais recebem de meio até dois salários mínimos e o grau de instrução, dos treze, cinco cursaram até o ensino fundamental incompleto, seis o ensino médio incompleto e dois o ensino médio completo.

Estes pais, após rápida coleta de dados sócio-demográficas, responderam a três indagações pertinentes ao tema, a saber: “Como o Sr.(a) vê a violência contra crianças no âmbito doméstico?”, “Como o Sr.(a) lida com o comportamento inadequado de seu filho?” e por ultimo “Diante da necessidade de punir/corriger devido a um comportamento inadequado de seu filho, como você se sente?”.

A violência sob a ótica dos pais

De acordo com as falas dos depoimentos referentes à primeira pergunta, todos responderam de forma similar, enfatizando que discordam da violência doméstica. Dessa forma, a violência doméstica está relacionada a uma série de fatores dentre eles: o contexto sócio-familiar, a cultura (saberes, conhecimento e costumes) dos pais, questões econômicas, assim a maneira de cuidar das crianças apresenta influências socioeconômicas e familiares, permeadas pela condição cultural das relações de poder entre pais e filhos, na qual o adulto faz uso do poder que tem e se utiliza da violência.

Muitas vezes os pais relacionam violência, apenas a agressão física, ao ato de bater, deixando de considerar a omissão e a violência psicológica também como formas de agressão que estão presentes no âmbito familiar e que deixam sequelas nas crianças. Podemos perceber nos seguintes depoimentos como os pais afirmam serem contra a violência doméstica e como se referem a violência intrafamiliar, tomando como base, a agressão, o ato de bater:

[...] Eu acho que, particularmente eu não gosto é uma coisa muito ruim machucar a criança. Eu tenho filho, mas eu nunca fiz isso com meus filhos, não sou mãe de bater não [...](Dep. 01)

[...] Acho errado, bater não resolve [...](Dep. 02)

[...] Eu acho muito errado violência contra criança, tenho pavor disso [...](Dep.05)

[...] É desnecessário praticar uma violência contra uma criança [...](Dep. 08)

[...] Querida eu não concordo com isso não, é uma falta de respeito [...](Dep. 9)

Nas falas acima percebe que os pais relacionam muito a violência doméstica à agressão física, sem se darem conta de que esta muitas vezes acontece associada a outros tipos de violência. A violência psicológica “é a forma mais subjetiva, embora seja muito freqüente a associação com agressões corporais”¹⁶.

Outro depoimento, ainda referentes à primeira pergunta mostra que os pais percebem a violência doméstica aparece com maior frequência através da mídia, como a TV que tem auxiliado, pois apresenta para a sociedade que esse tipo de violência está presente no espaço doméstico. Desse modo, as ocorrências de violência foram tratadas por muito tempo como um problema estritamente familiar, e assim sustentado por anos como tal pela sociedade⁸.

No entanto, a questão da violência intrafamiliar não deve e nem pode ser tratada como um fato natural, uma vez que se verifica que são inúmeras as vítimas desse tipo de violência, tornando-se uma questão de saúde pública e mais do que uma questão jurídica. Nas seguintes falas é perceptível como os pais veem o fenômeno da violência:

[...] Tá horrível, a coisa tá feia é só o que a gente ver agora na televisão, é criança sendo agredida [...](Dep. 03)

[...] Sei lá... sei lá...Tem muita violência né, tem muito acidente né! [...] (Dep. 04)

Na primeira indagação também se pode constatar em três depoimentos, que os entrevistados além de não concordarem com a violência doméstica contra crianças, afirmam que a violência não resolve nada, e que se deve dialogar e dar carinho as crianças. Nas falas abaixo verificou também que esses pais têm a consciência de que a violência não é a forma de educar as crianças, que elas precisam de carinho, de diálogo, mostraram que há uma melhor forma de educá-las, vendo-as como sujeitos em desenvolvimento que merecem ser cuidadas e protegidas:

[...] É ruim é; maltratar, bota de castigo e não bater, taca não resolve, só o diálogo [...] (Dep. 07)

[...] Rapaz eu acho que ela não deve acontecer de jeito nenhum, a pessoa tem que dar é carinho, conversar com a criança [...] (Dep. 10)

[...] Olha acho que isso não resolve não, a melhor forma é conversar com elas, né! [...] (Dep. 11)

Nessa perspectiva, muitos pais acreditam em outros modos de educar as crianças, diferentemente de formas antes aceitas como padrão pela sociedade baseadas no bater, no negligenciar, o disciplinar rigidamente, visto como as melhores formas de correção e educação dos filhos. Assim, a forma de educar ganhou novos conceitos e melhorou a qualidade e as práticas usadas ao longo das gerações que muitas vezes eram perversas demais respondem hoje como práticas repugnantes e que não contribuem ao processo do educar, mas sim prejudicam o desenvolvimento da criança³.

Em um dos treze depoimentos coletados, verificou-se que um pai tem percepção de que a maioria dos casos de violência doméstica contra a criança acontecem meio familiar ou na vizinhança. Esse espaço familiar, onde a criança deveria se sentir protegida e cuidada, muitas vezes se torna um lugar de tortura, de dor, que provoca medo. O trecho abaixo demonstra tal percepção:

[...] Rapaz, eu vejo um ato indiscriminado sobre e em relação à criança, às vezes você sai e deixa a criança em casa pouco tempo e chega um parente ou um vizinho e faz alguma coisa e aí você não sabe por que derrepente ele ameaça aquela criança. É uma coisa que não dá para confiar em ninguém. Minha mulher não trabalha para tomar de conta das crianças [...] (Dep. 09)

No Brasil, não há dados precisos a respeito de crimes sexuais. Esse tipo de crime é praticado, em sua maioria, por pessoas identificáveis pela vítima. Estudos sobre o tema indicam que a maior parte dessa violência é praticada por parentes, pessoas próximas ou conhecidas, tornando o crime mais difícil de ser denunciado⁹.

Essa situação é apresentada por relatos de crianças, incidem em sua maioria sobre membros da família ou outros parentes. Já os envolvendo

Domestic violence against children.. adolescentes, denúncias apontam o morador de vizinhança¹⁷.

No entanto, ao mesmo tempo em que temos mecanismos legais para proteção da criança, como o Estatuto da Criança e Adolescente⁹ em um dos seus artigos versa que em casos de verificação de hipótese de maus tratos contra crianças e adolescentes cabe ao a autoridade judiciária o afastamento do agressor da moradia comum, verifica-se que ocorre o contrário, pois geralmente quem é afastado do seio familiar é a criança, em alguns casos é encaminhada a abrigos.

Desse modo, o trauma infantil não deve ser desconsiderado por seus efeitos a longo prazo não serem evidenciados de imediato¹⁶. Deve ser reconhecido como um sério problema da infância. Mesmo que crianças vitimizadas sejam retiradas de suas casas, os efeitos da experiência vivida repercutirão em toda sua vida.

Lidando com o comportamento inadequado dos filhos

Em todos os depoimentos os pais afirmaram que não batem nos filhos e lidam com o mau comportamento através de conversas, de demonstrações do que é certo e errado, reclamações e castigos, como tirando dos filhos o que mais gostam de fazer. Vejamos o que dizem:

[...] Converso, bater jamais, eu tenho um filho que ele é terrível, mas não ando batendo nele não. Eu castigo ele no que ele gosta de fazer [...] (Dep. 01)

[...] Converso, só converso [...] (Dep. 03)

[...] Reclamo, brigo e boto de castigo [...] (Dep. 06)

[...] Corto as coisas que ele mais gosta [...] (Dep. 07)

[...] Brigo, e deixo de castigo e não deixo ele brincar, assistir televisão [...] (Dep. 10).

Nas falas dos pais acima ainda podemos inferir que predomina o castigo como forma de punição para as crianças, frente a comportamentos inadequados. Neste sentido, a violência intrafamiliar foi, e ainda continua sendo, justificada de uma maneira geral e grosseira, como forma de educar e até mesmo de demonstrar carinho e afeto⁸.

Antes do século XVIII surgiu a utilização dos castigos, da punição física, dos espancamentos através de chicote, ferrose paus às crianças. Justificavam os pensadores da época que os pais deveriam cuidar para que seus filhos não recebessem más influências. Esses pensadores acreditavam que as crianças poderiam ser moldadas de acordo com os desejos dos adultos¹⁶.

Nesse contexto, a violência física apresenta-se como a mais freqüente, dessa forma a vítima é indefesa e está em desenvolvimento, o caráter disciplinador da conduta exercida pelo progenitor ou por quem o substitua é um aspecto bastante relevante, variando de uma "palmada", a espancamentos e homicídios. No entanto, não há um

consenso quanto aos métodos que se consideram violentos no processo educacional entre pais e filhos, embora mais recentemente, a tendência mundial é considerar violência qualquer modalidade ou ato disciplinar que atinja o corpo da criança ou adolescente¹⁶.

Do contrário, apontam em seu estudo a predominância da força física como medida educativa¹⁸. Ainda segundo estes autores, o uso da força na disciplina dos filhos pode causar lesões importantes no momento de ira e que a punição física é aceita como necessária para crianças, que a necessidade de educar justifica a violência física praticada contra a criança. Torna-se imprescindível que se trabalhe outras formas educativas junto à comunidade e sociedade como um todo. Vale ressaltar que a violência doméstica começa através da palmada e, com o passar do tempo, a intensidade e a forma vão se agravando. É importante que pais e educadores acreditem que é possível impor limites sem recorrer à violência, ou ainda, que bater não é forma de comunicação.

Ainda de acordo com a segunda indagação feita aos entrevistados, percebemos em algumas das falas que alguns pais mesmo contra a violência doméstica, utilizamos para lidar com o comportamento inadequado dos filhos. Dessa forma, conclui-se que há contradição nos depoimentos, pois depoimentos iniciais mostram que os pais são contrários a esse tipo de violência, na segunda pergunta, no entanto, alguns se contradizem porque usam da violência para puni-los. Os depoimentos abaixo deixam claro essa incoerência:

[...] Reclamar, quando faz as coisas errado, tem que reclamar o que tá errado o que tá certo. Quem bate mais é o pai dele de vez em quando [...] (Dep. 04)

[...] Eu converso com ele, falo que tá errado, converso uma vez, duas vezes até ele entender que tá errado. Eu ameaço bater! [...] (Dep. 10)

O uso da punição física ainda é um instrumento utilizado com frequência na educação dos filhos na sociedade contemporânea¹⁹. Os pais defendem essa forma de disciplina que pode favorecer a banalização e tornar crônica a violência doméstica física contra crianças e adolescentes. Muitas vezes é encarada como algo normal por alguns, a agressão na infância e adolescência pode acarretar problemas que muito provavelmente terão impacto por toda a vida da vítima, levando-a a repetir o comportamento violento.

Além de uma grande probabilidade dos filhos reproduzirem os atos violentos que sofreram, a violência contra crianças pode afetar todos os aspectos de suas vidas, como psicológicos, físicos, comportamentais, acadêmicos, sexuais, interpessoais, espirituais, comprometendo a auto-estima. Dentre os danos psicológicos imediatos estão o pesadelos repetitivos; ansiedade, raiva, culpa; vergonha; medo do agressor e de pessoa do mesmo sexo; quadros fóbico-ansiosos e depressivos agudos; queixas psicossomáticas; isolamento social e sentimentos de estigmatização¹⁶.

Sentimentos dos pais diante do comportamento inadequado dos filhos

Quanto ao questionamento: Diante da necessidade de punir/corrigir devido a um comportamento inadequado de seu filho, como você se sente? Os pais descreveram seus sentimentos da seguinte forma:

[...] Eu me sinto mal, me sinto muito mal sou uma mãe muito besta, o pessoal às vezes me critica muito, mas eu sou assim, eu não posso fazer nada [...] (Dep. 01)

[...] Às vezes a gente fica triste, eu falo o que é o correto [...] (Dep. 04)

[...] Sinto Nervosismo e angustia [...] (Dep. 05)

[...] Eu não acho muito bom não, por que a gente mãe e pai nunca quer que o filho da gente faça uma coisa de errado para punir, eu não gosto muito não, mas me sinto obrigada. Sinto raiva [...] (Dep. 06)

[...] Acho ruim fico com pena depois, fico querendo tirar do castigo, mas tenho que deixar para saber que errou [...] (Dep. 07)

[...] Eu fico chateado e um pouco zangado pela danoção que é feita [...] (Dep. 08)

Na maioria das falas analisadas, apreendemos que o sentimento que mais predominou entre os pais quando têm que punir ou corrigir seus filhos diante de um mau comportamento foi o de raiva, pois havendo maus-tratos e abusos, todos sofrem agressões, porém é perceptível que existem diferenças hierárquicas, isto é esses sentimentos também podem estar pautados em relações de poder. Nesse aspecto, as crianças acabam sendo as maiores vítimas, porque são alvos fáceis de raiva, ressentimento, impaciência e emoções negativas, devido suas fragilidades tanto de personalidade como características físicas, o que propicia à incidência de violência¹².

Desse modo, por conta dessas características das crianças, há a tendência de uma relação de poder do adulto sobre a criança fazendo com que aumente a violência contra esses seres indefesos, assim a violência contra crianças “implica, de um lado, transgressão do poder de proteção do adulto e, de outro, coisificação da infância², isto é, negação do direito que Crianças e Adolescentes, sujeitos que devem ser tratados como pessoas em desenvolvimento”.

A violência doméstica praticada contra a criança também é caracterizada como insidiosa e repetitiva, podendo se prolongar por muito tempo devido à imaturidade e à falta de estrutura da criança, ainda sem valores e conhecimentos que a impossibilitam de tomar consciência do ato abusivo do adulto²⁰. Destacam ainda a compulsão do agressor à repetição do ato violento em decorrência de sua dependência psicológica e baixa tolerância à frustração.

As agressões psicológicas são extremamente comuns e banalizadas, bastante frequentes entre as famílias e podem levar a consequências deletérias à saúde da criança, tais como a baixa auto-estima, o baixo rendimento escolar, os distúrbios de conduta, a

Siqueira CG, Vieira IYD, Santiago SR
agressividade, os distúrbios do sono e as doenças somáticas, por vezes pouco valorizadas, tanto pela sociedade que as produz quanto pelos profissionais de saúde, visto que comumente não demandam notificação ou outras formas de interferência²¹.

O lar como um local privilegiado para a prática da violência contra a criança, o que tem íntima ligação com os limites impostos pela privacidade que acabam por isolar a família da visão social, propiciando um ambiente sem testemunhas e encoberto pela cumplicidade familiar²⁵. Assim sendo, torna-se importante destacar que as medidas de prevenção e intervenção dos profissionais precisam, acima de tudo, contemplar o âmbito familiar.

Contudo, à medida que se torna perceptível o impacto negativa da violência doméstica no bem-estar da criança, também vem aumentando o reconhecimento do importante papel dos profissionais e serviços de saúde para o enfrentamento deste problema, pelo fato destes serem espaços privilegiados que, além de identificar e tratar pode intervir com a criação de estratégias de ação e prevenção⁴.

Entre os profissionais de saúde, está o enfermeiro (a) que tem um importante papel na prevenção, recuperação da saúde das crianças vítimas de violência doméstica, pois este precisa identificar os comportamentos, sintomas e sinais de violência, precisam cuidar da recuperação dessas crianças, não as percebendo apenas no aspecto físico da violência. Os profissionais de enfermagem precisam ter uma visão da criança de forma integral, percebendo-as como sujeitos em desenvolvimento contribuindo com estratégias de promoção, prevenção e recuperação da saúde das crianças vítimas de violência doméstica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa constatamos que os pais, sujeitos da pesquisa, em sua maioria é contra a violência doméstica, afirmam não bater nos filhos, ao mesmo tempo em que restringem violência intrafamiliar a ato ou ação de bater, agredir fisicamente seus filhos. Esquecendo que muitas vezes praticam a violência física associada a outros tipos de violência e que essa forma de punir os filhos causa grandes conseqüências no desenvolvimento saudável das crianças, pois sempre deixam seqüelas.

No estudo também verificamos que alguns pais utilizam do castigo para punir os filhos diante de um comportamento inadequado. Esta forma de punição assim como a forma de agredir as crianças por muito tempo se constituiu e continua sendo uma prática de educação e socialização dos filhos.

Mas também se constatou que grande parte dos pais entrevistados tem a consciência de que o uso da violência na educação dos filhos não resolve a situação de conflito e rebeldia e que a melhor forma para se educar as crianças é através do diálogo, da conversa, de mostrar o lado certo e errado das coisas e que é importante dá o exemplo para filhos. Constatamos também que mesmo os pais tendo esse pensamento e não concordando com a utilização da violência como modo de punir os filhos, carregam e usam-na para castigar as crianças em momentos de mau comportamento.

Domestic violence against children..

Assim, a maioria dos pais entrevistados diz se sentir com raiva quando têm que corrigirem os filhos, pois esse sentimento geralmente é carregado de uma relação de poder, no qual o adulto se sente superior a crianças devido suas características físicas e de personalidade, são alvos fáceis de sentimentos de raiva, impaciência.

Nesse sentido, vale salientar que o setor saúde sempre foi mais preocupado em atender as vítimas da violência do que em se debruçar sobre o estudo das causas e do planejamento de estratégias para sua prevenção. A mudança de enfoque, passando do plano curativo para o preventivo, é, portanto, recente. Ela é norteadas pelas idéias de proteção e promoção da saúde, vistas em sua significação mais ampliada de bem-estar individual e coletivo.

Nesse aspecto, a Política de Promoção da Saúde apresenta um quesito específico para a prevenção da violência e estímulo à cultura de paz, que se propõe a: contribuir para ampliação e fortalecimento da Rede Nacional de Prevenção e para o incentivo e monitoramento dos Planos Estaduais e Municipais de Prevenção da Violência; investir na sensibilização e capacitação dos gestores e profissionais de saúde na identificação e encaminhamento adequado de situações de violência intrafamiliar e sexual, com a implementação da ficha de notificação de violência interpessoal e a implantação de Serviços Sentinela; e o estímulo à articulação intersetorial.

Para isso, é necessário capacitar os profissionais de saúde para lidarem com as situações de violência doméstica, na resolução de conflitos e ampliar sua capacidade de comunicação e diálogo para poderem trabalhar na prevenção da mesma. Diante disso, podemos inferir que o enfermeiro como profissional de saúde tem e deve criar estratégias para trabalhar essa problemática em espaços diferentes, como o espaço da escola, onde há conflitos e uma relação direta entre as crianças-escola-família, não só no sentido de buscar mecanismos de prevenção, mas serativo e propositivo envolvendo todos esses sujeitos na construção de uma cultura de paz.

Uma cultura de paz baseada principalmente nos seguintes valores e princípios, isto é, no respeito à vida, no fim da violência e na promoção e prática da não-violência por meio da educação, do diálogo e da cooperação. Para tanto, faz necessário um trabalho conjunto com rede de proteção aos direitos da criança e do adolescente, além da saúde, na identificação, notificação, promoção e recuperação das crianças vítimas de violência o que garantiria uma parceria na prevenção contra a violência doméstica.

Diante do exposto, entendemos que o enfermeiro deve utilizar como estratégia de prevenção e na construção da cultura da paz, o fortalecimento dessa parceria citada anteriormente, além de métodos educativos, assim, através da educação trabalhar amor, o perdão e a tolerância no ambiente escolar como o intuito de atingir principalmente a família trabalhando a violência doméstica, pois não só a família participaria desse processo, mas também a escola e as crianças. Neste contexto, destaca-se a educação como forma de conscientização, mobilização e prevenção da violência doméstica, contribuindo para que as crianças sejam vistas de

REFERENCIAS

1. MEDINA, Ana Beatriz Campos; PENNA, Lucia Helena Garcia. A percepção de enfermeiras obstétricas acerca da violência intrafamiliar em mulheres grávidas. Texto contexto - enferm., Florianópolis, v. 17, n. 3, Set. 2008.
2. AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA Viviane Nogueira de Azevedo. Infância e violência doméstica: guia prático para compreender o fenômeno. São Paulo: Laboratório de Estudos da Criança (LACRI); PSA/IPUSP, 2005. Módulos 1 A/B -2A/B.
3. DELFINO, Vanessa et al . A identificação da violência doméstica e da negligência por pais de camada média e popular. Texto contexto - enferm., Florianópolis, v. 14, n. spe, 2005.
4. RAMOS, Martha Lucia Cabrera Ortiz; SILVA, Ana Lúcia da. Estudo sobre a violência doméstica contra a criança em unidades básicas de saúde do município de São Paulo - Brasil. Saude soc., São Paulo, v. 20, n. 1, Mar. 2011.
5. FERREIRA, Ana L; SCHRAMM, Fermin R. Implicações éticas da violência doméstica contra a criança para profissionais de saúde. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 34, n. 6, Dez. 2000.
6. BOFF, Leonardo. Saber cuidar: ética do humano compaixão pela terra. 10 ed. Petrópolis : Vozes, 2008.
7. WALDOW, Vera Regina. O cuidado na saúde as relações entre o eu, o outro e o cosmos. Petrópolis: Vozes, 2004.
8. GABATZ, Ruth IrmgardBärtschiet al. O significado de cuidado para crianças vítimas de violência intrafamiliar. Esc. Anna Nery, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, mar. 2010.
9. BRASIL. Ministério da Saúde. Estatuto da Criança e do Adolescente. 7 ed. Brasília (DF): Brasília : Câmara dos Deputados, n. 25,Edições Câmara, 2010, 225p. Disponível em<http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/785/estatuto_crianca_adolescente_7ed.pdf?sequence=10> Acesso em 18 de Junho de 2012.
10. SILVA, Arcelina Maria da; VIEIRA, Luiza Jane Eyre de Souza. Caracterização de crianças e adolescentes atendidos por maus tratos em um hospital de emergência no município de Fortaleza-CE. Rev. esc. enferm. USP, São Paulo, v. 35, n. 1, Mar. 2001.
11. GOMES, Romeu et al . A saúde e o direito da criança ameaçados pela violência. Rev. Latino-Am. Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 7, n. 3, Jul. 1999.
12. BISCEGLI, Terezinha Soares et al . Violência doméstica contra crianças: nível de conhecimento dos pais de crianças em escolas pública e privada. Rev. paul. pediatr., São Paulo, v. 26, n. 4, Dez. 2008.
13. MINAYO, Maria Cecília de Sousa; et al. Pesquisa social: Teoria, método e criatividade. 20 ed, Petrópolis: Vozes, 2007.
14. MINAYO, Maria Cecília de Sousa. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
15. BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 196 de 10 de outubro de 1996 - Diretrizes e Normas Regulamentadoras da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos. Brasília, 1996.
16. DAY, Vivian Peres. et al. *Violência Doméstica e suas diferentes manifestações*. Revista de psiquiatria. Rio Grande do Sul: v. 25 (suplemento 1), Abril 2003, p. 9-21.
17. CAMPOS, Maria Ângela Mirim da Rosa e; SHOR, Néia. Violência Sexual como questão de saúde pública: importância da busca ao agressor. Revista Saúde e Sociedade. São Paulo: v.17, n.3, p.190-200, 2008.
18. MARTINS, Christine Baccarat de Godoy; JORGE, Maria Helena Prado de Mello. A violência contra crianças e adolescentes: características epidemiológicas dos casos notificados aos Conselhos Tutelares e programas de atendimento em município do Sul do Brasil, 2002 e 2006. Revista de Epidemiol. Serv. Saúde, Brasília: v. 18, n. 4, 2009.
19. SALIBA, Orlando et all. Responsabilidade do profissional de saúde sobre a notificação de casos de violência doméstica. Revista Saúde Pública. São Paulo: vol.41, n. 3, Junho 2007.
20. ACIOLI, Raquel Moura Lins et al . Violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes: identificação, manejo e conhecimento da rede de referência por fonoaudiólogo em serviços públicos de saúde. Rev. Bras. Saude Mater. Infant., Recife: v. 11, n.1, Mar.2011.
21. ROCHA, Pedro Carlos Xavier da; MORAES, Claudia Leite. Violência familiar contra a criança e perspectivas de intervenção do Programa Saúde da Família: a experiência do PMF/Niterói (RJ, Brasil). Revista Ciência & Saúde Coletiva. Rio de Janeiro: v. 16, n. 7, Julho 2011.
22. ANDRADE, Elisa Meireles et al . A visão dos profissionais de saúde em relação à violência doméstica contra crianças e adolescentes: um estudo qualitativo. Saude soc., São Paulo, v. 20, n. 1, Mar. 2011.

Sources of funding: No

Conflict of interest: No

Date of first submission: 2013/01/06

Accepted: 2013/02/23

Publishing: 2013/04/01

Corresponding Address

Silvana da Rocha Santiago

Universidade Federal do Piauí

Campus Ministro Petronio Portela. Bairro Ininga.

Teresina, Piauí, Brazil.

CEP 64049-550.